

UM ESTUDO DE COMPLEMENTOS DO TIPO 'SMALL CLAUSE'
EM ORAÇÕES COPULARES

Ednalvo Apóstolo Campos¹

Larissa da Costa Arrais²

Resumo: Neste artigo, abordamos os complementos de orações copulares tratadas tradicionalmente como orações com predicado nominal e verbo-nominal, mas direcionamo-nos, sobretudo, ao predicado nominal. Discutimos as implicações sintáticas e teóricas de construções como as do tipo “é nós/nóis”, “tamo junto”, “tamo aí”, “tamo na área”, partindo da classificação proposta pela Gramática Tradicional sobre os predicados nominais e verbo-nominais para, então, chegar à noção de pequena oração, que se desenvolveu dentro do modelo teórico de Princípios e Parâmetros em estudos já clássicos sobre complementos de verbos copulares. Defendemos que as sentenças copulares analisadas podem ser entendidas como pequenas orações formadas por expressões cristalizadas compostas por sintagmas nominais, adjetivais, preposicionais ou adverbiais, sem alçamento visível para a posição canônica de sujeito.

Palavras-chave: Predicados nominais. Oração copular. Pequena oração.

Abstract: This paper is concerned with the complements of copular clauses, traditionally treated as nominal and verbal-nominal predicate sentences, with a focus on the nominal predicates. We discuss syntactic and theoretical implications of constructions such as “é nós/nóis”, “tamo junto”, “tamo aí”, “tamo na área”, starting from the classification proposed in traditional grammars of Portuguese on nominal and verbal-nominal predicates, until the more refined notion of small clause, developed within the theoretical model of Principles and Parameters, in classical studies about the complement of copular verbs. We argue that the copular sentences analyzed can be understood as small clauses formed by fixed expressions composed of nominal phrases, adjectival phrases, prepositional phrases and adverbial phrases, without visible raising to the canonical subject position.

Keywords: Nominal predicates. Copular clause. Small clause.



¹ Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professor Adjunto da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: ednalvoc@yahoo.com.

² Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e graduanda em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: larissaarrais@ymail.com.

1 Introdução³

Neste artigo, fazemos um breve estudo de algumas construções copulares de uso frequente em situações comunicativas informais, apontadas em (1):

- (1) a. é nós
- b. é nós na fita
- c. tamo junto
- d. tamo aí
- e. tamo na área

Tais construções, por conterem a cópula *ser*, levam-nos a pensar que são casos de complementos descritos na literatura como pequenas orações (*small clauses* ou SCs; cf. STOWELL, 1981; 1983).

Pretendemos, então, analisar as sentenças no estudo em questão sob a hipótese de que se comportam configuracionalmente como SCs e discutir também as implicações de tal proposta.

Essas construções costumam ocorrer em contextos de uso menos formais e, portanto, podem também ser encontradas em variedades estigmatizadas, em vista de serem provenientes de fala espontânea. São empregadas, normalmente, nas áreas urbanas periféricas, por falantes de uma variedade considerada não culta do português. Seu uso tem sido cada vez mais frequente entre os jovens e falantes de outras variedades.⁴

Para o desenvolvimento da discussão, partimos das classifica-

³ Agradecemos as contribuições precisas e pertinentes dadas pelos pareceristas, que nos levaram à revisão de 'alguns caminhos' e possibilitaram uma melhora considerável do artigo. Os erros e incoerências que ainda persistirem são inteiramente de nossa responsabilidade.

⁴ Esclarecemos que não fizemos um estudo quantitativo no sentido de analisar a variação ou os contextos de interação em que ocorrem as construções e, apesar de afirmarmos que essas construções têm uso frequente entre jovens, não apresentaremos, nesse artigo, estudos que confirmam essa informação.

ções da gramática tradicional (ROCHA LIMA, 2007; BECHARA, 2009) sobre os predicados nominais e verbo-nominais para, então, chegarmos à noção mais refinada que se desenvolveu dentro do modelo teórico de Princípios e Parâmetros em estudos já clássicos sobre complementos de verbos copulares.

O artigo se desenvolve nas seguintes partes: apresentamos discussões acerca dos predicados conforme a Gramática Tradicional, na seção 2; segundo a Teoria Gramatical e o conceito de *small clause*, na seção 3; na seção 4, trazemos as análises das construções formadas por verbos copulares e, por fim, na seção 5, as considerações finais.

2 Os predicados na abordagem da gramática tradicional

Na classificação tradicional das orações abordadas por gramáticas de referência como Rocha Lima (2007) e Bechara (2009), os predicados oracionais são denominados nominal, verbal e verbo-nominal. Interessam-nos, sobretudo, os predicados nominal e o verbo-nominal. Para Rocha Lima (2007), o predicado nominal é aquele cujo núcleo é formado por um nome (substantivo, adjetivo, ou pronome) e que “pelos seus caracteres de forma e posição recebe particularmente o título de nome predicativo, ou, apenas – predicativo” (ROCHA LIMA, 2007, p. 238) e os verbos que aí figuram – *ser, estar, andar, permanecer, continuar, ficar e parecer* – chamam-se verbos de ligação, conforme o exemplo em (2):⁵

(2) Pedro *é/está/anda/permanece/continua/ficou/parece* doente.

Em exemplos como (2), o adjetivo *doente* funciona como o predicado

⁵ Exemplos retirados de Rocha Lima (2007, p. 238), renumerados e adaptados.

da sentença e recebe a denominação de *nome predicativo* ou *predicativo*.

Bechara (2009, p. 426) menciona as propriedades formais desses predicados, como a manifestação de concordância, a possibilidade, em alguns casos, de troca do predicativo pelo pronome clítico de terceira pessoa *o*⁶ (Ele é meu irmão – ele *o* é) e a impossibilidade de passivização. Por esses aspectos formais e, ainda, pelas características de esvaziamento lexical e/ou semântico que neles ocorre, além da característica gramatical que se restringe a “ligar” o predicativo ao sujeito vem os nomes *copulativos* ou de *ligação* (Bechara, 2009).⁷

No que concerne ao predicado verbo-nominal ou misto, Rocha Lima (2007, p. 239) destaca que “o predicado misto representa a fusão de um predicado verbal com um predicado nominal” e o predicativo pode, nesses casos, se referir tanto ao sujeito quanto ao objeto direto ou indireto, conforme os exemplos em (3):⁸

- (3) a. *O trem chegou atrasado.*
b. *A Bahia elegeu Rui Barbosa senador.*
c. *Todos *lhe* chamavam ladrão.*

Voltando aos verbos copulativos, para Bechara (2009) não há por que afirmar que esses verbos não se incluem na classe dos verbos em geral, uma vez que possuem todas as marcas de um verbo – morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo. Devido a isso, considera desnecessário distinguir predicado verbal de nominal, bem

⁶ As propriedades gramaticais dessa categoria são híbridas, pois tanto podem apresentar potencial referencial quanto predicativo. Déchaine; Wiltschko (2002) captam essas particularidades dos clíticos, além de outras, e propõem uma tipologia em que esses pronomes são proformas pronominais *pro-ΦPs* argumentais e/ou predicacionais.

⁷ Embora a classe dos verbos de ligação seja bem mais extensa, o estudo em foco se restringirá às cópulas *ser/estar*.

⁸ Exemplos retirados de Rocha Lima (2007, pp. 239-40) e renumerados.

como verbo-nominal (predicado complexo), visto que toda relação predicativa apresenta um núcleo verbal.

Embora Bechara (2009, p. 427-30) estabeleça muitas semelhanças entre o predicativo e o predicado complexo, faz ponderações que expõem algumas diferenças presentes em construções predicativas. O autor afirma que os predicativos que acompanham os verbos copulares são geralmente nucleados por adjetivos, apesar de poderem também ser nucleados por substantivos, pronomes e advérbios, que não podem ser suprimidos. Além disso, nota que a relação semântica estabelecida entre o verbo e o predicado nominal num predicado complexo permite a supressão deste último sem alterar o sentido da sentença, como em (4a'), mas não em (4b') (exemplos retirados de BECHARA, 2009, p. 429).

- (4) a. Ele estudou atento. a'. Ele estudou.
b. Ele é estudioso. b'. *Ele é.

A Teoria da Gramática trata tais construções como pequenas orações, como se detalha na próxima seção.

3 A Teoria da Gramática e o conceito de pequena oração

Stowell (1981; 1983) foi o autor dos primeiros estudos sobre pequenas orações, em que propôs que as sequências que formam esses constituintes são do tipo oracional, contendo um sujeito e um predicado, ainda que não projetem os núcleos V e T. Raposo (1992) também considera as pequenas orações constituintes de tipo oracional que contêm um sujeito e um predicado que pode ser um AP, um PP, um NP ou um VP, elencados, respectivamente, nos exemplos entre colchetes em (5) (exemplos retirados de RAPOSO, 1992, p. 217):

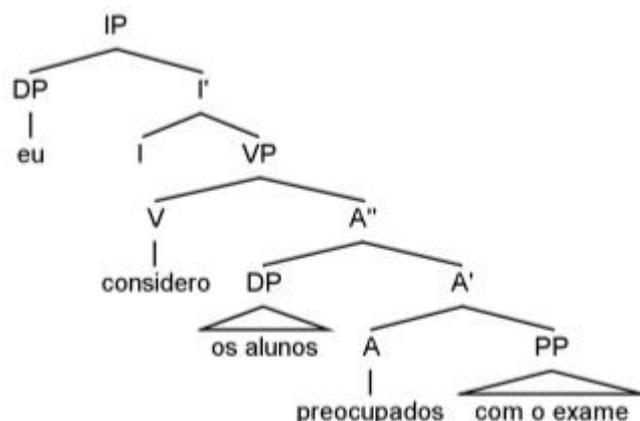
- (5) a. Eu considero [*os alunos preocupados com o exame*].
b. A polícia quer [*esse gatuno na prisão*]
c. O presidente fez [*o Dr. Barros chefe de serviço*].
d. Eu tive [*o meu carro roubado da garagem*].

Conforme explica Raposo (1992), em todos esses exemplos há uma relação de predicação independente do VP da oração; os DPs *os alunos*, *esse gatuno*, *o Dr. Barros* e *o meu carro* estão diretamente ligados ao AP *preocupados com o exame*, ao PP *na prisão*, ao NP *chefe de serviço* e ao VP *roubado da garagem*. A gramática tradicional classificaria esses sintagmas (AP, PP, NP e VP) como predicativos do objeto.

Nos exemplos destacados em (5), também não ocorre a categoria funcional flexão (IP) uma vez que as SCs são projeções dos seus predicados. A hipótese de Stowell (1981) propõe que as SCs, embora não projetem IPs, apresentam um sujeito, o qual não está ligado à categoria funcional, mas à lexical – nome, verbo, preposição e adjetivo.

Desse modo, as SCs, segundo a teoria de Stowell (1981), são projeções sintagmáticas cujo sujeito ocupa a posição de especificador dessas projeções, como na projeção em (6) (exemplo adaptado de RAPOSO, 1992, p. 219):

(6)



Nessa projeção, Raposo capta o desdobramento da SC que funciona como complemento do predicador transitivo *considerar* que, normalmente, seleciona ou SCs ou completivas infinitivas como seu argumento interno em vez de DPs.

Duarte (2003, p. 542) menciona que os verbos copulativos apresentam propriedades comuns aos inacusativos no que tange a sua subcategorização, caindo “sob a alçada da Generalização de Burzio” pois, não tendo papel temático externo, não legitimam o seu complemento com Caso acusativo, somente atribuindo Caso inerente ao seu argumento interno – o predicado da SC. Logo, não tendo acesso a Caso nessa posição, o constituinte nominal sujeito da SC precisa ser alçado para fora dessa posição, onde chegará Caso nominativo, conforme (7):⁹

- (7) a. *Ela* / *A Maria* é simpática / *É-a simpática.
b. *Eles* / *Os biscoitos* ainda estão quentes / *Ainda os estão quentes.

Duarte (2003) reforça ainda o argumento de que os verbos co-

⁹ Exemplos retirados de Duarte (2003, p. 542), renumerados e modificados.

pulares não atribuem Caso acusativo ao mostrar que o predicado da SC, quando complemento de verbos transitivos, pode ser recuperado por meio do clítico predicacional *o*, mencionado também por Bechara (2009), como ocorre nos exemplos em (8) (exemplos de DUARTE 2003, p. 542):

- (8) a. O João acha [_{sc}[*a Maria*] simpática].
a'. O João acha-[*a*] simpática.
b. Os miúdos comeram [_{sc}[*os biscoitos*] ainda quentes].
b'. Os miúdos comeram-[*nos*] ainda quentes.

Na seção seguinte analisamos alguns aspectos particulares das construções copulares, incluindo questões relativas à sua interpretação.

3.1 Aspectos particulares das construções copulares

Como já foi mencionado anteriormente, a análise de construções como “é nós/nóis” e “tamo junto”, entre outras mencionadas em (1), abarcará as SCs selecionadas por uma cópula. Desse modo, é necessário que se façam mais algumas ponderações em relação às sentenças copulares.

As sentenças copulares são classificadas na literatura como *equativas* e *predicativas* a partir da possibilidade de determinação do sintagma que ocorre após a cópula. Essas sentenças (cf. 9) apresentam estrutura [DP1-cópula-DP2]. Se o DP pós-cópula for definido, a sentença é equativa; se for indefinido, a sentença é predicativa (GOMES, 2007, p. 40). Vejamos os exemplos:¹⁰

¹⁰ Exemplos retirados de Gomes (2007, p. 40) e renumerados.

- (9) a. Pedro é o vencedor.
b. Pedro é um vencedor.

O principal argumento apresentado na literatura para a distinção que ocorre em (9a-b) entre estrutura equativa e predicativa está na “leitura de identidade” entre os DPs 1 e 2, ou seja, uma estrutura equativa é aquela em que os DPs sujeito e predicado podem permutar suas posições (se A é B, B é A sem prejuízo do valor de verdade). Fazendo alusão a (9a), temos: *se Pedro é o vencedor, logo o vencedor é Pedro*. Num ponto de vista referencial, sentenças equativas verdadeiras são estruturas A é B em que A e B reportam-se ao mesmo referente, já que uma coisa é sempre idêntica a si mesma (LAGE, 1999).

Gomes (2007) menciona que na literatura há também posições contrárias à distinção entre estruturas equativa e predicativa, que defendem a ideia de que a equatividade não existe. O argumento para isso baseia-se no sentido de que há um único verbo *ser*: o predicativo. A hipótese de autores como Moro (1997) é que há relação de predicação mesmo nas pequenas orações nominais com DP2 definido; além disso, a própria existência de SCs nominais infirma a hipótese de que a categoria lexical tenha influência sobre a predicação. Seguindo essa mesma linha, Gomes (2007) defende a hipótese de que a simples presença de um DP2 definido em SCs nominais não é suficiente para se ter uma estrutura que permita uma leitura de identidade entre os DPs.

Voltando à argumentação que mantém a distinção entre sentenças copulares relacionada ao tipo de predicado da SC, Braga; Kato; Mito (2009, p. 280) apontam essa distinção, mas a partir de dois tipos de cópula: a *cópula impessoal* e a *cópula de alçamento*, exempli-

ficadas em (10):¹¹

- (10) a. É tarde.
b. O João é o chefe.
c. O João é um poeta.

Para Braga; Kato; Mioto (2009), a cópula impessoal seleciona um constituinte que não pode ser alçado para a posição de sujeito – cf. (10a). Já em (10b) e (10c) as SCs (equativa e predicativa) selecionadas pela cópula permitem alçamento do sujeito – *o João* – mas somente a equativa permite o alçamento tanto do DP sujeito quanto do DP predicado. A cópula predicativa, no entanto, não permite o alçamento do DP predicado, como se pode verificar em (11b):¹²

- (11) a. O chefe é o João.
b. *Um poeta é o João.

Com esse argumento sintático de restrição de alçamento, seria possível manter a distinção entre os dois tipos de *small clause*, ao menos para a cópula do tipo *ser*.

Sibaldo (2011) analisa os verbos copulares *ser* e *estar* e apresenta diferenças entre seus predicados.¹³ Dialogando com Avelar (2004), o autor afirma que o verbo *ser* possui um predicado que está atrelado a “propriedades intrínsecas”, a “atributos mais permansivos”, o que não se observa com o verbo *estar*, pois o predicado relacionado a este verbo é uma atribuição adquirida a partir de expressões que se referem a condições passageiras. Em suma, o sentido dos

¹¹ Exemplos retirados de Braga; Kato; Mioto (2009, p. 280) e renumerados.

¹² Exemplos retirados de Braga; Kato; Mioto (2009, p. 280) e renumerados.

¹³ O autor afirma que pode haver outros verbos copulares além de *ser* e *estar*.

predicados formados por cópulas depende da cópula selecionada, como em (12) e (13):¹⁴

(12) O João está gordo.

(13) O João é gordo.

Para que se compreendam melhor as questões que envolvem as restrições dos predicados em sentenças copulares, Sibaldo (2011) destaca uma hierarquia, proposta por Pustet (2003), que estabelece como padrão a seleção dos tipos de predicados formados por cópulas, chamada de hierarquia implicacional, que segue a distribuição “nominais > adjetivais > verbais”.¹⁵

Como se pode perceber, a hierarquia não considera a categoria Preposição, em vista de a mesma variar entre lexical e funcional. É necessário pontuar que tais explanações são observadas no PB, conforme cita Sibaldo (2011), visto que as cópulas *ser* e *estar* selecionam as categorias expressas em (12) e (13) acima, com as que ocorrem em (14).¹⁶

- (14) a. A Maria é uma professora.
b. A Maria é linda.
c. A Maria foi beijada.

Sibaldo (2011) destaca discussões acerca de orações copulares formadas por PPs e nota que o PB apresenta diversas construções com verbos copulares que selecionam um PP com papel temático. Sendo assim, para o autor, dependendo do PP selecionado, o predi-

¹⁴ Exemplos retirados de Sibaldo (2011, p. 53) e renumerados.

¹⁵ Distribuição retirada de Sibaldo (2011, p. 55).

¹⁶ Exemplos retirados de Sibaldo (2011, p. 56) e renumerados.

cado poderá apresentar natureza distinta, como: locativa, possessiva, ou indicativa de matéria, origem, beneficiário e tempo. É importante destacar que a cópula selecionada junto a esses PPs é fixa; logo, os verbos *ser* e *estar* não sofrerão permuta, como em (15):

- (15) a. A Denise está / *é [na praia]. (Locativo)
b. Essa chave é / *está [de ouro]. (Matéria)

Na seção seguinte, apresentamos as análises acerca das construções formadas por verbos copulares como “é nós/nóis”, “tamo junto” “tamo na área” dentre outras, levantando a hipótese de que são SCs selecionadas por cópulas.

4. Análise das construções formadas por verbos copulares

Conforme mencionamos na seção anterior, analisamos as construções sintáticas, largamente utilizadas no PB/PVB, discutidas em (1), na introdução e renumeradas em (16):

- (16) a. é nós
b. é nós na fita
c. tamó junto
d. tamó aí
e. tamó na área

Mencionamos também que, diferentemente da classificação tradicional, a teoria gramatical capta as peculiaridades dos complementos copulares *ser* e *estar* e propõe analisá-los como subcategorização de uma estrutura compreendida como pequena oração.

Inicialmente, levantamos a hipótese de que as construções es-

colhidas para a análise eram semelhantes à pequena oração “Martinha é bonita”, conforme Oliveira (2010), isto é, não podem ser consideradas apenas como nominais, visto que apresentam um verbo copular (de alçamento) que subcategoriza uma SC como seu complemento. No entanto, diferentemente da SC que ocorre em ‘Martinha é bonita’, em nenhuma das construções que analisaremos haverá alçamento para Spec, TP.

Aliás, quanto à impossibilidade de movimento, as construções em (16) comportam-se sintaticamente como a SC impessoal apontada por Braga; Kato; Mito (2009) em (10a), mas há que se considerar que, ainda que não ocorra alçamento naquela construção com cópula impessoal, é sempre possível expandir o argumento único da SC, conforme (17), similar às construções que apontamos em (16):

(17) É (muito / bastante) tarde.

O comportamento da cópula nas sentenças a serem analisadas também não apresenta as “propriedades intrínsecas” mencionadas por Sibaldo (2011), já discutidas na seção anterior (o fato de *ser* possuir um predicado com “atributos mais permansivos”, aproximando-se efetivamente de *estar*, cujo predicado é uma atribuição adquirida a partir de expressões que se referem a condições passageiras).

Voltando à similaridade das sentenças que analisamos em (16) com a sentença analisada por Braga; Kato; Mito (2009) em (17), para além da restrição de movimento, há o comportamento impessoal, mas não estamos assumindo que as sentenças em (16) sejam todas impessoais, já que a cópula *estar* em (16c-d-e) apresenta flexão.

No tocante à possibilidade de expressar flexão, retomamos as sentenças para evidenciar que esse recurso sintático não pode ser

atribuído a todas elas, como se nota em (18):

- | | | |
|------|------------------|------------------------|
| (18) | a. é nós (tudo) | a'. *somos nós (tudo) |
| | b. é nós na fita | b'. *somos nós na fita |
| | c. *está junto | c'. *está na área |

A ausência obrigatória de concordância em (18a-b) explica a agramaticalidade de (18a'-b') e pode ser um argumento no sentido de considerar as construções com *ser* impessoais tal qual a construção estudada por Braga; Kato; Mito (2009), apresentada em (17); já a agramaticalidade de (18c-c') evidencia a concordância expressa por um sujeito nulo nessas construções.

Essa assunção leva-nos à distinção entre as construções com *ser* em (18) das construções com *estar* em (19a-c) com flexão aparente:¹⁷

- | | | |
|------|------------------------|-------------------------------|
| (19) | a. tamo (tudo) junto | a'. ?*estamos (todos) juntos |
| | b. tamo (tudo) aí | b'. ?*estamos (todos) aí |
| | c. tamo (tudo) na área | c'. ?*estamos (todos) na área |

Apesar da realização de concordância, o fato de que estamos diante de expressões cristalizadas se verifica pelo estranhamento das frases em contextos de uso similares, como se nota em (19a'-c').

Outra característica dessas construções é que enquanto a cópula *ser* em (18) seleciona uma SC simples composta por DP pronominal (ou DP + AP/QP) (e nunca uma expressão referencial)¹⁸ sem, contudo, desencadear concordância expressa, a *small clause* selecio-

¹⁷ Estamos considerando parte das sentenças em (18) e (19) agramaticais exclusivamente nos contextos de uso 'cristalizados' que estamos analisando.

¹⁸ Expressões referenciais e pronomes possuem comportamento sintático distinto no tocante às propriedades de ligação (cf. CHOMSKY, 1986).

nada por *estar* em (19) não contém um DP expreso, mas APs, PPs ou AdvPs, o que pode ser um argumento para que as *small clauses* em (19) sejam compostas por um sujeito nulo (um *pro* referencial), afastando-as de construções impessoais como (17) e (18a-b).

Logo, em nossa análise, estamos postulando que as construções em (19) sejam compostas por estruturas com sujeitos referenciais nulos em Spec, TP, conforme em (20):¹⁹

(20) [TP \emptyset [T *tamo* [VP *estar* [SC [*pro* ; AP / PP / ADVP]]]]]

Pode-se, ainda, argumentar em defesa de sujeitos referenciais nas construções em (20) pela possibilidade de estipular contextos pragmáticos que permitam interpretar tais construções como interlocuções advindas de reduções de estruturas como “Estamos juntos para o que der e vier!” ou “Eu (nós) o apoio(amos)!”, no sentido de prestar solidariedade a alguém.

Contrariamente às construções com *estar*, o contexto pragmático relacionado às sentenças discutidas em (18, com *ser*) parece remeter a uma dada situação de fala, significando “essa é a nossa vez, a nossa hora” sem, contudo, remeter a um referente ou sujeito referencial, conforme (21):

(21) [TP_{EXPL} \emptyset [T *é* [VP *ser* [SC [DP ; (QP/PP)]]]]]

Após as análises, defendemos que as construções formadas por *estar*: “tamo junto”, “tamo na área”, “tamo aí”, “tamo na fita” podem ser entendidas como expressões cristalizadas formadas por cópulas pessoais que selecionam SCs com alçamento apenas de tra-

¹⁹ Haegeman (1999, p. 126) propõe a categoria funcional AGRP como núcleo que projeta a SC, estando o sujeito da SC em *Spec, AgrP*.

ços referenciais do sujeito para Spec TP, conforme (20), enquanto as sentenças com *ser* “é nós/nóis”, “é nós/nóis na fita” em (21) são impessoais e compostas por um sujeito gramatical expletivo.

Ao considerarmos essas construções “expressões cristalizadas”, estamos cientes de que adentramos em um domínio que engloba um campo de investigação bastante fecundo teoricamente sem, contudo, analisá-las devidamente.²⁰

5 Considerações finais

Neste breve estudo, procuramos analisar os complementos de orações copulativas, tratadas, tradicionalmente, como orações com predicado nominal e verbo-nominal. As análises foram direcionadas, sobretudo, ao predicado nominal. Partimos de uma reflexão sobre as construções “é nós/nóis”, “é nós/nóis na fita”, “tamo junto”, “tamo na área”, “tamo a” e “tamo na fita”, muito frequentes em situações comunicativas informais e cuja disseminação entre os falantes levou-nos à afirmação de que sejam típicas da variedade Português Popular ou Português Vernacular Brasileiro (PVB). Um estudo sobre o seu uso não foi realizado por nós, mas poderia auxiliar a compreensão dessas construções.

Nosso objetivo em lançar mão, primeiramente, das classificações tradicionais compreendidas com complemento nominal e verbo-nominal foram no sentido de contrastar e ao mesmo tempo corroborar estudos como os de Oliveira (2010), que compreendem esses complementos como verbais, selecionados por verbos inacusativos

²⁰ A literatura que trata das fraseologias, construções cristalizadas e expressões idiomáticas é extremamente vasta e estipula tanto uma tipologia específica quanto metodologia de análise dessas construções e constituem interesses de campos teóricos distintos, podendo tratar-se de processos de gramaticalização, lexicalização, fossilização etc. Entendemos ser esta uma outra via de investigação muito produtiva para as construções analisadas (que chamamos genericamente de construções cristalizadas), mas por necessidade de delimitação o estudo nessas áreas encontram-se fora do escopo do trabalho. Para o leitor interessado, sugerimos a tese de Hudson (1999).

no domínio de uma pequena oração.

As sentenças analisadas são compreendidas por nós como expressões cristalizadas formadas pelas cópulas *ser* e *estar* com comportamento sintático distinto: (i) a construção pessoal “Tamo junto” que seleciona uma SC, com alçamento apenas de traços referenciais para a checagem de EPP em Spec TP e (ii) a construção impessoal “É nós/nóis” sem alçamento de traços referenciais para a posição canônica de sujeito.

Referências

AVELAR, J. de O. **Dinâmicas Morfossintáticas com Ter, Ser e Estar em Português Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAGA, M. L.; KATO, M.; MIOTO, C. As construções-Q no português brasileiro falado. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. do (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença**. v. 4. Campinas: Editora Unicamp, 2009, p. 241-289.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

DÉCHÂINE, Rose-Marie; WILTSCHKO, Martina. Decomposing Pronouns. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 33, n. 3, p. 409-442, jul./set. 2002.

HAEGEMAN, L. **Introduction to government and binding theory**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1999.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas In: MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho,



2003, p. 509-592.

GOMES, A. de F. R. *Small clauses* nominais e estruturas equativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 49, n. 1, p. 39-47, 2001.

HUDSON, J. **Perspectives on fixedness**: applied and theoretical. Lund: Lund University Press, 1999.

LAGE, N. Macedo. **As estruturas DP-ser-DP no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

MORO, A. **The raising of Predicates**: Predicative Noun Phrases and the theory of Clause Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

OLIVEIRA, M. S. D. **Análise sintática do português falado no Brasil**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

PUSTET, R. **Copulas**: Universals in the Categorization of the Lexicon. Oxford: Oxford University Press, 2003.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática**: A faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho, 1992.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SIBALDO, M. A. Para uma sintaxe diacrônica das sentenças copulares do português. **Leitura**, Maceió, v. 47, n. 1, p. 43-70, 2011.

STOWELL, T. **Origins of phrase structure**. Tese (Doutorado em Linguística). Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1981.

_____. Subjects Across Categories. **The Linguistic Review**, v. 2, n. 3, p. 285-312, 1983.

Artigo recebido em 11/09/2017

Aceito em 27/03/2018